

3. Metodologia

3.1 Natureza da pesquisa

O trabalho está ancorado no suporte teórico e metodológico da pesquisa qualitativa, com foco na Micro análise etnográfica.

Consideramos, que

as Metodologias de Pesquisa Qualitativa, entendidas como aquelas capazes de incorporar a questão do SIGNIFICADO e da INTENCIONALIDADE como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas. (Minayo, 2006:22)

Procuramos produzir uma pesquisa qualitativa em saúde com características de “um trabalho de investigação que, ao levar em conta os níveis mais profundos das relações sociais, não pode operacionalizá-los em números e variáveis, critérios usualmente aceitos para emitir juízo de verdade no campo intelectual.” (Minayo, 2006:23).

O paradigma de pesquisa qualitativa se volta para peculiaridades de grupos situados em contextos específicos, buscando “teorias mais locais, de pequena escala, que se ajustem a problemas específicos e a situações particulares” (Denzin e Lincoln, [2003] 2006:32). De acordo com Rice e Ezzy (1999:43), eventos podem ser unidades de análise para a pesquisa qualitativa. Em nosso *corpus* constam pessoas, ou casos, e também eventos interacionais entre os participantes da pesquisa, de terapia fonoaudiológica com interação entre criança e fonoaudióloga.

Na pesquisa qualitativa de cunho construtivista, o acúmulo de conhecimento é considerado relativo a contextos específicos e o estudo de casos seria um importante mecanismo de transferência de conhecimento de um cenário para outro (Guba e Lincoln, 1994:114). O fragmento a seguir esclarece sobre os casos estudados no paradigma qualitativo.

A palavra *qualitativa* implica uma ênfase sobre as qualidades das entidades e sobre os processos e significados que não são examinados ou medidos experimentalmente (...) [os pesquisadores qualitativos] têm um compromisso com uma postura baseada em casos, idiográfica, êmica, que direciona sua atenção para os aspectos específicos de determinados casos (Denzin e Lincoln, [2003] 2006:23,24).

Os objetivos de composição de *corpus* e escolha de participantes de pesquisa na pesquisa qualitativa difere fundamentalmente da pesquisa quantitativa, que se preocupa com a representatividade estatística da amostragem com o objetivo de generalizar os achados da pesquisa. Na pesquisa qualitativa, o objetivo da amostragem é descrever os processos envolvidos no fenômeno. O objetivo desse tipo de estudo é identificar casos ricos em informação e estudá-los em profundidade (Rice e Ezzy, 1999:42). Como também estabelece Minayo (2004:102), a amostragem qualitativa privilegia sujeitos sociais que detêm atributos que o investigador pretende conhecer, visto que o aprofundamento e a abrangência da compreensão de grupos sociais importa mais do que a generalização.

3.2. Micro análise etnográfica

Dentro do paradigma de pesquisa qualitativa e interpretativista (Denzin e Lincoln, 2000; Gumperz, 1982a), buscamos a Micro análise Etnográfica da interação como metodologia da pesquisa (Erickson, 1996; Erickson e Schultz, 2002; Garcez, 1997). Fizemos essa escolha por ser essa a prática de pesquisa do paradigma qualitativo (Denzin e Lincoln, 2006 [2003]:21) que melhor se adequou às nossas necessidades e condições de pesquisa.

Dentre as fontes¹ teóricas e metodológicas da Micro análise etnográfica, estão a sociolinguística interacional e a análise da conversa (Erickson, 1996), duas das bases teóricas dessa dissertação. Da sociolinguística interacional, a micro análise traz como influência a ênfase na variação de forma e função da língua (propósitos de fala e significados implícitos), dentro e através das comunidades de fala, em seus modos de fala culturalmente estabelecidos. Dessa tradição teórica, a micro análise etnográfica traz então a observação participante, e o uso de gravações em áudio para documentar as interações. Da análise da conversa de base etnometodológica, vem o destaque aos aspectos emergentes da interação em situações de comunicação informais (conversas durante o jantar, ligações telefônicas). Da análise da conversa vem também o uso das transcrições detalhadas de gravações de áudio/vídeo, embora com um foco maior na fala.

¹ Segundo Erickson (1996), as origens da Microanálise etnográfica seriam: análise de contexto (Bateson e Mead); etnografia da comunicação e sociolinguística interacional (Gumperz, Hymes e Saville-Troike); abordagem do Goffman; análise da conversa; e análise do discurso (Habermas, Foucault).

A micro análise etnográfica baseia-se em análise lingüística de transcrições de interações face-a-face gravadas em vídeo², entrevistas com os participantes, anotações de campo da observação participante e análise de documentos (Erickson, 1996). Utilizamos análise lingüística de quatro transcrições de interações face-a-face; uma entrevista com a mediadora; relatórios e prontuários internos do ambulatório, indo ao encontro das premissas do paradigma teórico adotado. Os critérios de seleção de participantes serão explicitados a seguir, na página 38.

O estudo, portanto, envolveu observação participante pela pesquisadora, que analisou o processo de co-construção do discurso narrativo em português na modalidade oral entre a criança e a fonoaudióloga. A pesquisadora freqüentou o local da pesquisa enquanto aluna de graduação por um período de um ano, e como estagiária profissional por um período de um ano e meio, totalizando um período de dois anos e meio de contato com as crianças participantes da pesquisa e com a supervisora do ambulatório, também participante - como mediadora da atividade - e co-orientadora da presente pesquisa.

A equipe do ambulatório de surdez da UFRJ tornou-se atenta a necessidade de incitar o desenvolvimento da narrativa das crianças surdas com o objetivo de promover seu desenvolvimento lingüístico e cognitivo, principalmente visando o desenvolvimento de relações temporais e causais, da metalinguagem necessária ao letramento e da solução de problemas (Goldfeld, 2006). Essa percepção nos incentivou a pesquisar de forma mais aprofundada o desenvolvimento da narrativa dessas crianças. A utilização de práticas terapêuticas de ensino da narrativa nesse ambulatório nos permitiu gerar o *corpus* necessário para pesquisar características da narrativa dessas crianças, bem como as práticas comunicativas e estratégias de mediação utilizadas pela fonoaudióloga. A relação de proximidade com as crianças, durante a convivência da pesquisadora no ambulatório, nos fez perceber dificuldades no desenvolvimento do discurso narrativo dessas crianças, apesar do empenho da equipe para encorajar esse desenvolvimento. Isso nos mostrou que o tema merecia ser pesquisado. Por fim, a revisão bibliográfica sobre o desenvolvimento da narrativa ofereceria subsídios necessários a essa investigação.

² As convenções de transcrição encontram-se nos anexos I e II.

Seguindo a tradição de pesquisa qualitativa e interpretativista, formulamos nossas questões de pesquisa não de forma apriorística, mas através de um processo inserido na exploração do contexto da pesquisa, pela da imersão da pesquisadora no contexto estudado.

Os pesquisadores qualitativos ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação. Buscam soluções para as questões que realçam o modo como a experiência social é criada e adquire significado (Denzin e Lincoln, [2003] 2006, p.23).

A micro análise etnográfica permite a investigação de micro contextos interacionais, buscando compreender contextos de aprendizagem e especificar aspectos da interação face-a-face que influenciam o processo de aprendizagem. A micro análise etnográfica relaciona-se muito harmoniosamente com a perspectiva ecológica de ensino de línguas (van Lier, 2000), pois também concebe que é necessário estudar a ecologia social da interação em detalhes, para buscar compreender a prática pedagógica. Para Erickson (1992), utilizar a etnografia para pesquisar contextos educacionais permite revelar especificidades da vida em micro contextos interacionais, e possibilita o entendimento de problemas interacionais.

3.3. Contexto da pesquisa

3.3.1 O serviço no ambulatório de surdez da UFRJ

A geração dos dados foi realizada no serviço do Ambulatório de Surdez do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este ambulatório segue a Filosofia Bilíngüe de educação de surdos, sendo, portanto, a LIBRAS considerada a primeira língua (L1), e a Língua Portuguesa considerada segunda língua (L2).

O ambulatório oferece para as crianças diversos tipos de atendimentos, com uma equipe multidisciplinar realizando os serviços. Os atendimentos fonoaudiológicos são individuais com cada criança. Esses atendimentos são realizados por uma das duas fonoaudiólogas contratadas, ou, em duplas, pelas estagiárias acadêmicas do último ano do curso de graduação. Os atendimentos pedagógicos em LIBRAS (L1) são feitos em grupos de crianças, agrupadas por faixa etária e nível de proficiência na língua. Esses atendimentos

são realizados em conjunto por uma professora surda e uma pedagoga intérprete, profissional com alta proficiência em LIBRAS.

A professora surda ministra também um curso de LIBRAS aos pais. Uma psicóloga-intérprete oferece atendimentos em grupo para os familiares das crianças, e, quando necessário, atende individualmente crianças e/ou familiares. Uma fonoaudióloga, paralelamente, oferece um trabalho de motricidade oral e voz, com as crianças maiores que o necessitem. Além disso, atualmente contamos com duas fonoaudiólogas pesquisadoras. Todos os profissionais e alunos citados participam de supervisões semanais nas quais são discutidos casos individuais e formuladas, em conjunto, diretrizes para os diversos atendimentos.

O serviço do ambulatório de surdez, inserido no Ambulatório Acadêmico com estágio obrigatório do Curso de Graduação em Fonoaudiologia da UFRJ, é coordenado pela fonoaudióloga doutora Márcia Goldfeld, professora do curso. Goldfeld supervisiona os atendimentos realizados pelas estagiárias acadêmicas e coordena a supervisão semanal. Goldfeld é co-orientadora da presente pesquisa e mediadora das interações gravadas para essa pesquisa.

Os atendimentos fonoaudiológicos realizados no referido ambulatório têm como objetivo desenvolver a aquisição do Português como segunda língua (PL2), através de uma perspectiva interacionista e dialógica. Os atendimentos selecionados para serem incluídos no estudo foram os que tinham ênfase no desenvolvimento da narrativa em PL2.

3.3.2 Os participantes

Do ponto de vista da escolha das crianças, optamos por incluir, como participantes da pesquisa, as que já recebiam atendimento dedicado ao objeto da pesquisa - desenvolvimento da narrativa. Participaram do estudo quatro crianças, que apresentam perda auditiva pré-lingüística neurosensorial bilateral, com curvas audiométricas descendentes de grau moderado³ a profundo, e encontram-se na faixa etária de oito a dez anos. Os critérios de inclusão dos participantes na pesquisa basearam-se, também, nas condições lingüístico-cognitivas das crianças, visto que apenas as que já utilizam o

³ Esse grau de surdez permite acesso aos sons da fala.

português de forma funcional recebem atendimento dedicado ao desenvolvimento da narrativa no referido ambulatório (Goldfeld, 2006). Os critérios de não inclusão de outras crianças na pesquisa levam em consideração questões relativas à assiduidade aos atendimentos no ambulatório, além das condições lingüístico-cognitivas mencionadas.

Rodrigo⁴ tem uma família que interage bastante com ele, é muito colaborativa com a terapia fonoaudiológica e se comunica bem com ele. Seus pais são casados e sua irmã mais velha mora também com eles. Sua mãe não trabalha fora, e pode se dedicar bastante ao filho. Rodrigo iniciou a aprendizagem da LIBRAS e do PL2 neste ambulatório com três anos, e utiliza AASI desde os quatro. Rodrigo frequenta uma escola particular regular e repetiu a classe de alfabetização para um melhor aproveitamento escolar. Atualmente lê textos, utilizando a decodificação grafema fonema, mas de acordo com a complexidade do tema tem dificuldade de compreensão.

A família de Luna é também bastante colaborativa, e se comunica com ela de forma satisfatória. Seus pais são casados e ela tem um irmão menor. Sua mãe não é alfabetizada, mas interage e conversa muito com os filhos. Os pais são primos de primeiro grau, o que levanta a suspeita da surdez ser decorrente de uma síndrome genética, além disso, ela tem alterações na coluna cervical. O início de sua aprendizagem de LIBRAS e do PL2 foi em maio de 2003, quando começou a frequentar este ambulatório. Desde 2004 utiliza AASI, e frequenta uma escola particular regular. Luna faz decodificação grafema fonema e apresenta boa compreensão de leitura.

Pedro tem uma família que apresenta poucas funções comunicativas importantes para o desenvolvimento do discurso narrativo. Ele mora e estuda em área de risco, convivendo com a violência diariamente. Seu pai não vive com a família, mas sua tia materna cuida dele e da filha enquanto a mãe dele trabalha fora. Sua mãe e sua tia se comunicam pouco com as crianças, além disso, sua mãe apresenta grande dificuldade para aprender a LIBRAS. Ele iniciou sua aprendizagem de LIBRAS e de PL2 em maio de 2003 nesta instituição e utiliza AASI desde 2004. Pedro cursa uma escola pública à tarde e uma sala de recursos alguns dias da semana pela manhã.

A família de Thiago se comunica razoavelmente com ele. Além da surdez, ele teve atraso motor decorrente de complicações pós-parto. Thiago tem um irmão menor e seus

⁴ Os nomes das crianças foram modificados, seguindo a análise da conversa.

pais são casados. Ele iniciou sua aprendizagem de LIBRAS e de PL2 em 2004 nesta instituição e utiliza AASI desde 2003. Thiago frequenta o Centro Educacional Pilar Velásquez, uma escola que ministra as aulas em LIBRAS.

Participaram ainda da pesquisa Márcia, a fonoaudióloga supervisora do ambulatório de surdez da UFRJ, e esta pesquisadora. Márcia atuou como mediadora nas interações gravadas, realizando os atendimentos voltados para impulsionar o desenvolvimento da narrativa dessas crianças, e colaborou durante toda a construção da análise de dados e triangulação⁵ dos resultados. A mediadora é uma das fonoaudiólogas responsáveis pela estruturação do curso de fonoaudiologia nessa universidade, e trabalha em contato com crianças surdas, nesse ambulatório, desde 1994. Esta pesquisadora atuou como observadora participante, antes e durante o período da pesquisa, assistindo e gravando os atendimentos das crianças selecionadas, e fazendo anotações de campo e transcrições das interações.

O livro de estória usado também pode ser considerado participante do processo de pesquisa, na medida em que os demais participantes interagem com ele e suas ilustrações funcionam como aspectos contextuais que guiam a narrativa. A escolha da estória Chapeuzinho Vermelho deu-se por esse ser um conto muito conhecido. Acreditamos que o fato de ser conhecido pela maioria das crianças facilitaria a recontagem a ser realizada pelas crianças, permitindo analisar suas performances.

O número de participantes da pesquisa está de acordo com as premissas do paradigma de pesquisa qualitativa e interpretativista e com a metodologia adotada, pois a micro análise etnográfica (Erickson, 1996; Erickson e Schultz, 2002; Garcez, 1997) considera a especificidade do grupo estudado, não procurando constituir generalizações de padrões válidas para grupos mais amplos da sociedade, mas tentar compreender em profundidade os grupos analisados.

No campo da saúde se vivencia a complexidade dos objetos de estudo pois a abrangente área biomédica não pode prescindir da problemática social, uma vez que o corpo humano está atravessado pelas determinações das condições, situações e estilos de vida. (Minayo, 2006:28)

⁵ Atualmente o termo triangulação vem sendo gradativamente substituído pela imagem do cristal, que ilustra melhor a multiplicidade de vozes envolvidas numa pesquisa que envolve múltiplos participantes, com diferentes perspectivas (DENZIN e LINCOLN, 2006[2003]).

3.4. Geração dos dados

As interações foram gravadas em VHS, pela pesquisadora, e foram feitas anotações de campo quando necessário. Em seguida, os atendimentos foram transcritos, em parte pela pesquisadora e por uma bolsista do ambulatório. As Convenções de transcrição foram baseadas nos estudos de Análise da Conversação (Hutchby e Wooffitt, 1998; Atkinson e Heritage, 1984), Gago (2002), e complementadas pelo Sistema de Transcrição para LIBRAS (Felipe, 1997)⁶. Nas transcrições, consta a descrição do contexto, sempre importante dentro da perspectiva que seguimos, e, mais ainda, em se tratando de interlocutores surdos em processo de aquisição de linguagem. As crianças participantes da pesquisa utilizam também linguagem não verbal - gestos e expressões faciais -, além de alguns sinais da L1, como estratégia discursiva durante os atendimentos fonoaudiológicos que visam o ensino de PL2.

Os dados gerados para a pesquisa são compostos de interações discursivas entre fonoaudióloga e criança surda, nas quais a fonoaudióloga procura elicitar narrativas em L2 de cada criança surda, em situação de terapia. O *corpus* consiste, ainda, além das transcrições de interações face-a-face, de relatórios fonoaudiológicos e pedagógicos realizados semestralmente no Ambulatório, prontuários internos do ambulatório e uma entrevista com a mediadora, realizada antes da análise dos dados ser construída, que contribuiu para a análise dos dados e triangulação dos resultados.

A geração dos dados selecionados para a análise teve duração de dois dias, embora o período de gravação tenha se estendido por um mês e meio. O *corpus* completo consta de nove relatos de experiência e sete contagens/recontagens de contos-de-fada tradicionais, envolvendo as crianças participantes da pesquisa.

Os contos foram em geral inicialmente contados pela terapeuta e posteriormente recontados pela criança, no mesmo atendimento. Devido às limitações de tempo em um trabalho realizado no âmbito de uma dissertação de mestrado, optamos por selecionar apenas as interações nas quais houve contagem e recontagem de contos, com cada criança. Desse modo, consideramos que seria interessante optar pela estória Chapeuzinho

⁶ FELIPE, T. A. Introdução à Gramática da LIBRAS. Série Atualidades Pedagógicas. Volume III. Brasília. SEESP, 1997.

Vermelho, por ser a única compartilhada por todas as quatro crianças. As narrativas utilizadas nesta dissertação são, portanto, apenas contos. Na atividade, descrita no item 5.5 a seguir, foi utilizado o conto-de-fada “Chapeuzinho Vermelho”, presente no livro ilustrado “Clássicos de Ouro”.

3.5. A atividade analisada

A atividade constou de dois momentos, quando necessário, dependendo do grau de desenvolvimento lingüístico e do conhecimento prévio da estória por cada criança. No primeiro momento, a fonoaudióloga contou a estória para a criança separadamente, com três das quatro crianças participantes com as quais essa etapa foi necessária. A mediadora não lê a estória, mas vai contando a partir das ilustrações e de seu conhecimento prévio da mesma. O fato das crianças apresentarem graus variados de desenvolvimento lingüístico e de autonomia para narrar refletiu na maneira como a mediadora conta a estória de forma diferenciada em cada interação, o que será discutido. No segundo momento, ela solicitou que a criança fizesse a recontagem, co-construindo a estória com a criança e utilizando estratégias de mediação, de acordo com o grau de autonomia demonstrado por cada criança. Os participantes alternaram entre narradores e recipientes, co-construindo a narrativa de acordo com os diferentes graus de autonomia e independência para narrar de cada criança. Cada criança, junto à profissional, co-construiu o conto Chapeuzinho Vermelho através das práticas comunicativas e estratégias de mediação empregadas na interação com a mediadora. A atividade de contagem e recontagem de estórias (Norrick, 2000), desenvolvida junto às crianças na presente pesquisa, é utilizada rotineiramente no Ambulatório de Surdez da UFRJ. As outras crianças não contempladas na pesquisa seguem as mesmas atividades, independente de sua participação na pesquisa.

Todas as quatro crianças já conheciam, em graus variados de compreensão, alguma versão da estória “Chapeuzinho Vermelho”, como poderá ser observado nos dados. Apenas uma, porém, conta a estória sem que a mediadora precise antes lhe contar. A publicação utilizada na atividade analisada foi a estória “Chapeuzinho Vermelho”, presente no livro ilustrado “Clássicos de Ouro”. Essa versão se aproxima da versão dos Irmãos Grimm, a mais famosa do conto (Silva, 2004). Nesta versão, como na dos Irmãos Grimm, a

Chapeuzinho e a avó são salvas pelo caçador, que mata o lobo. Mas, na versão dos Irmãos Grimm, a Chapeuzinho chega a ser devorada pelo lobo, o que não ocorre na versão utilizada aqui. Além dessas duas versões, existem outras circulando atualmente. Numa delas, o Lobo não chega a devorar ninguém, trancando a avó no armário e depois tentando devorar a Chapeuzinho, sem obter êxito. Essas informações serão importantes para a compreensão de partes da análise de dados, visto que duas das crianças possuem esquemas de conhecimento distintos sobre a estória. Deste modo, as crianças narram versões do conto diferentes da versão que aparece no livro utilizado, e diferentes também dos esquemas de conhecimento da mediadora sobre a estória.

A seguir, colocamos um quadro demonstrativo que explicita as figuras, partes mais relevantes para a compreensão do texto na versão da estória Chapeuzinho Vermelho utilizada. As dezesseis figuras, que formam o “esqueleto” da estória, não foram trazidas igualmente por todas as crianças. O quadro mostra, ainda, as figuras trazidas por cada criança na atividade de recontagem. As diferenças na recontagem serão em seguida abordadas nos resultados.

Quadro I
Figuras da estória Chapeuzinho Vermelho - Baseado em Dadalto (2006)

Participante	Rodrigo	Luna	Pedro	Thiago	
Figura					Descrição da figura
1	N	S	S	S	A mãe pede a Chapeuzinho para levar doce para a vovó
2	N	S	S	N	A vovó está doente (Por que ela foi levar doces para a vovó?).
3	S	+/-	N	N	A mãe orienta sobre o caminho a seguir
4	S	N	N	N	Chapeuzinho desobedece e vai pela floresta
5	S	S	N	S	O lobo aborda Chapeuzinho
6	S	S	N	S	O lobo a engana
7	S	S	S	S	O lobo chega primeiro à casa da vovó
8	S	S	S	N/S	O lobo imita Chapeuzinho
9	S	N	N	N/S	A vovó manda entrar
10	S	S	S	S	O lobo come a vovó (ou similar)
11	S	S	N	S	O lobo se fantasia de vovó
12	S	S	N	S	Chapeuzinho chega
13	S	S	S	S	Diálogo entre o lobo e Chapeuzinho
14	S	S	S	S	O lobo ataca Chapeuzinho
15	S	S	N	S	Os caçadores chegam (desfecho)
16	S	N	N	S	E foram felizes para sempre (fechamento convencional)